



Berços no lugar de covas: semeando vida por meio de uma horta escolar em tempos de pandemia do COVID-19.

Cradles instead of graves: sowing life through a school garden in times of the COVID-19 pandemic.

YLLAS, Yayenca¹; TOZATO, Heloisa²; FIRMO, Heloisa³

¹Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, (NIDES-UFRJ), Brasil, yayenca@gmail.com; ²Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Territorialidade e Sociedade, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), São Paulo, Brasil, htozato@gmail.com; ³NIDES-UFRJ, Brasil, hfirmo@poli.ufrj.br.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia

Resumo: Cultivar uma horta no ambiente escolar permite colher uma ampla diversidade de conhecimentos. Retornar gradativamente às aulas coletivas presenciais no contexto pandêmico decorrente do COVID-19 trouxe vida em um momento de tantas perdas. A presente pesquisa-ação, desenvolvida na Escola Municipal Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro, objetiva refletir sobre a terminologia *cova*, propondo a substituição pela palavra *berço* no contexto de construção coletiva de novos canteiros na horta agroecológica escolar. Como principal resultado destaca-se a relevância dos aprendizados trazidos pela agroecologia à educação formal, promovendo didáticas a partir do cotidiano e o contato com a natureza na infância de estudantes urbanos que haviam acabado de sair de 14 meses de isolamento social.

Palavras-Chave: aprendizagem significativa; ecopedagogia; educação ambiental crítica.

Contexto

O presente relato de experiência tem como contexto o processo de transição agroecológica para a regeneração e construção coletiva da horta pedagógica da Escola Municipal Pedro Ernesto (EMPE), no município do Rio de Janeiro, no cenário de retomada das aulas presenciais após as medidas de isolamento social decorrentes da pandemia do COVID-19. A análise centra-se na reflexão sobre a utilização da palavra *cova* (no contexto agrícola, como abertura na terra para plantar), num momento no qual foram abertas tantas delas para enterrar mortos pela COVID-19. Ao longo da construção dos canteiros, objetivou-se a reflexão com as crianças e docentes sobre a resignificação da palavra, substituindo-a por *berço*, afinal de contas estavam-se semeando vidas, e não mortes.

Descrição da Experiência

A Escola Municipal Pedro Ernesto (EMPE) é uma escola pública que contempla nove turmas de estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e está localizada no bairro da Lagoa, no município do Rio de Janeiro. A investigação-ação



aqui compartilhada teve início em maio de 2021, no retorno imediato à escola após 14 meses de isolamento social relativo à pandemia do COVID-19 sem aulas presenciais. Ao todo, de 2021 a 2023, participaram da pesquisa 350 estudantes, suas famílias, docentes, coordenação pedagógica, direção e colaboradores da unidade escolar. O processo de revitalização e construção coletiva da horta escolar se deu por meio do planejamento dialógico (Yllas *et al*, 2023a) que visou interconectar conteúdos curriculares com as práticas agroecológicas nas aulas denominadas pela direção da unidade escolar como Protagonismo-Horta (2022) ou Eletiva-Horta (2023). A pesquisa participativa teve como eixo central a pesquisa-ação (Thiollent, 1986; Montero, 2006) e foi complementada pelas rodas de conversa e a observação participante. A pesquisa-ação é uma abordagem metodológica que combina pesquisa e ação para promover a transformação social (Montero, 2006). Envolve a problematização da realidade a ser investigada, buscando compreender e questionar as visões dominantes sobre essa realidade, tal qual é discutido por Thiollent (1986) e Montero (2006). De acordo com os autores, na pesquisa-ação, quem investiga trabalha em colaboração direta com as pessoas envolvidas no contexto estudado. O diálogo entre quem pesquisa e as pessoas participantes é fundamental, pois visa a construção conjunta do conhecimento e a tomada de decisões coletivas. Através desse diálogo, são discutidos problemas, identificadas soluções e implementadas ações transformadoras (Montero, 2006).

O contexto pandêmico do COVID 19 trouxe desafios significativos para o retorno às aulas presenciais na unidade escolar, apresentando dificuldades na escuta ativa, no diálogo, nas brincadeiras e nas dinâmicas coletivas entre docentes e crianças (Yllas *et al*, 2022). Simultaneamente, nesse período, notou-se que algumas gestões escolares passaram a traçar estratégias para a utilização de espaços ao ar livre, como pátios, jardins e áreas verdes, com intuito de torná-las extensões do ambiente de ensino-aprendizagem, denominadas por Azevedo e Alcoforado (2023) de *Outdoor Learning* (Aprendizagem ao ar livre, em inglês). Esses espaços, agora pedagógicos, estão sendo repensados e redesenhados para a promoção de experiências didáticas que resultem na aprendizagem significativa. De acordo com Lívia Albanus (2008, p. 111), “a metodologia voltada para a aprendizagem significativa deve contemplar as vivências pessoais, as dúvidas e a pesquisa, a análise e a reflexão da situação, a atuação ética e responsável, entre outros”.

No caso da EMPE, a direção e a coordenação pedagógica da unidade escolar já vinham almejando a construção coletiva de uma horta pedagógica antes da pandemia e por meio de um mutirão, no ano letivo de 2019, conseguiram estruturar um canteiro (Figura 1a), o qual sofreu degradação durante o isolamento social sem as aulas presenciais. Como consequência, não houve a presença da comunidade escolar para sua manutenção. Dessa maneira, com a retomada às aulas presenciais, os primeiros passos da presente pesquisa foram planejar coletivamente com as crianças, docentes e gestão pedagógica, as formas geométricas que teriam os novos canteiros e como recuperar o solo do canteiro existente.



Figura 1. Área da transição agroecológica ecopedagógica na Escola Municipal Pedro Ernesto
Fonte: compilação das autoras (2019 - 2023)

Uma das primeiras atividades para recuperar o solo do canteiro degradado deu-se por meio do plantio do feijão preto (*Phaseolus vulgaris* L.). Esta variedade foi escolhida por conta do seu uso cotidiano na merenda escolar carioca e em virtude de sua cultura ser de ciclo curto e resistente (Primavesi, 2020). Nesta prática, buscou-se a quebra de paradigma entre as atividades do feijão plantado no algodão molhado e seu plantio na terra. Em meio às atividades, foi a primeira vez em que a palavra *cova* apareceu nas vozes das crianças e docentes. Ao procurarmos, coletivamente, a palavra no dicionário Aurélio online, foram debatidas suas definições: “Abertura feita para plantar árvore, lançar semente etc.” e “Abertura que se faz nos cemitérios para enterrar os mortos”. Na percepção das/os envolvidas/os na prática pedagógica, foi repulsivo assimilar os conceitos da palavra estudada, naquele momento de revitalização do canteiro *morto*, com o cenário familiar, nacional e mundial do COVID-19. No debate, surgiu a ideia de procurarmos uma alternativa que trouxesse vida, num momento no qual houve tantas perdas. Assim, aproveitou-se o paralelismo entre a cama onde as/os estudantes dormem e a cama onde a planta iria “acordar”. Demos sentido aos galhos como colchões, à terra e ao adubo como os lençóis e à fibra de coco ou folhas de bananeira como cobertores. As atividades estão representadas na Figura 2. De acordo com a percepção das



peças participantes, não mais se plantaria em covas e sim em *berços*, tratando as sementes e mudas como “bebês” que iriam crescer na horta da escola.



Figura 2. Paralelismo entre a cama onde as crianças dormem e a cama onde a planta iria “acordar”. (a) incorporação de galhos na primeira camada dos canteiros, colchão “molas”, (b) utilização de adubo e terra na segunda camada das camas, “lençóis”, (c) como terceira camada, cobrindo com fibra de coco, “cobertor”. **Fonte:** elaboração própria (CAAE: 48164921.8.0000.5257 - HUCFF/UFRJ).

O debate semântico a respeito das “*camas*” e dos “*berços*” também nos permitiu abordar assuntos relacionados com a diversidade na plantação, comparando-a com a diversidade sociocultural encontrada dentro da própria unidade escolar. No final, todos somos diferentes, seres que, embora humanos, são distintos. Assim, foram trabalhadas, transversalmente, ações afirmativas e inclusivas, relacionando as questões sociais com os princípios agroecológicos. Semearam-se nos *berços*, variedades de amendoins, girassóis, berinjelas, alfaces, couve, abóboras, quiabos e milho crioulos, entre outras sementes disponibilizadas. Por meio das rodas de conversa, intercambiam-se ideias sobre bancos de sementes e a importância da conservação das sementes crioulas ancestrais. De acordo com Ana Primavesi (2020, p.33), “quanto maior a diversificação das plantas, maior a diversificação da vida da terra”.

Também foi colocada à luz do debate semântico a discussão a respeito da importância das sinergias e dos consórcios nas plantações, comparando-os com os laços que temos com amigos e colegas, e também com pessoas com as quais não temos tanta afinidade. Segundo Ana Primavesi (2020, p.66), “a consorciação não somente protege melhor a terra, mantendo-a mais úmida e mais fresca, mas ao mesmo tempo quebra o efeito da monocultura”. No presente estudo, o plantio nos canteiros quebrou a linearidade comumente encontrada nas hortas convencionais. Este princípio de plantio “desordenado” visou uma proteção entre a diversidade de espécies cultivadas perante a possível infestação de uma “praga”. Debatendo sobre a interação humana com a natureza, a autora Isabel Carvalho (2008) reflete a respeito da plantação em linha nos canteiros, expondo que “a prática de plantar cereais ou vegetais em linha reta não era apenas um modo eficiente de aproveitar espaços, mas também representava um modo agradável de impor a ordem humana ao mundo natural desordenado” (CARVALHO, 2008, p.96).



Simultaneamente, foram discutidas questões transversais sobre o uso de agrotóxicos e seus impactos nos ecossistemas. Desta maneira pesquisaram-se e implementaram-se técnicas de Manejo Integrado de Pragas (MIP) conforme as adversidades foram aparecendo, tal qual o controle da mosca da larva minadora (*Liriomyza huidobrensis*), por meio da implementação das armadilhas cromáticas (Yllas *et al*, 2023b).

Quanto às competências estabelecidas na Base Nacional Comum Curricular brasileira (BNCC), foram desenvolvidas de forma interdisciplinar habilidades dos componentes de Ciências da Natureza, Geografia, Língua Portuguesa e Matemática, criando um sentido prático na vida das crianças. Segundo Albanus (2008, p.125), “a interdisciplinaridade assume um papel fundamental na promoção da aprendizagem significativa, fazendo com que tudo o que vivenciamos na vida se reflita no que somos, em como nos tornamos homens pela relação com o ambiente”. Conforme Sheila Ceccon (2012), os conteúdos curriculares devem estar conectados à realidade das/os estudantes, o que permitirá uma compreensão do contexto onde elas e eles habitam, promovendo assim uma aproximação entre sua realidade e o currículo formal. Por sua vez, a autora destaca que a escola deve desempenhar um papel importante na formação de sujeitos socialmente ativos e engajados. Dentro dessa conceituação, Julia Tomchinsky in Gadotti (2010) salienta que é necessária uma nova forma de concepção para existir no nosso planeta, partindo do nosso entorno, que permita um aprendizado sobre a cidade, a moradia, o bairro, a escola, promovendo assim uma análise crítica de como seria possível transformar esses espaços em lugares comunitários. Para a autora, “ ‘vida que se vive’ é construída solidária e democraticamente” (TOMCHINSKY in GADOTTI, 2010, p.8).

Ao longo de 24 meses de práticas ecopedagógicas baseadas nas potencialidades da agroecologia e da educação ambiental crítica, foram criados diversos *berços* que deram vida ao pátio da escola, possibilitando a construção de um lugar democrático promotor da aprendizagem significativa (Figura 1b).

O jardim permite trabalhar com a terra. Perceber o planeta Terra através da terra. Ver a semente assumir a forma de planta e a planta a forma de alimento, o alimento que nos dá vida. Ensina-nos a paciência e o manuseio cuidadoso da terra entre o semear e o colher. Aprender que as coisas não nascem prontas. Precisam ser cultivadas, cuidadas. O jardim também nos ensina que o mundo não está pronto, está se fazendo, está nos fazendo, que sua construção exige persistência, paciência esperançosa da semente que, em algum momento, será broto e será flor e será fruto (GADOTTI, 2016, p.10).

Resultados

A partir das vivências e reflexões propiciadas nos tempos curriculares das aulas na Horta Escolar, destaca-se a importância dos aprendizados trazidos pela agroecologia à educação formal, promovendo o aprimoramento de metodologias de ensino ativas interdisciplinares e transversais assim como o contato com a natureza na infância de estudantes urbanos. Abrir *berços* em plena pandemia do COVID-19 trouxe esperança e alegria num momento no qual houve muitas perdas.



Agradecimentos

À equipe da EMPE e às famílias dos/das estudantes, por abraçar o projeto e confiar na Universidade interagindo com a Escola Pública. Às crianças, por todos os seus ensinamentos carregados de espontaneidade, alegria e autenticidade.

Referências bibliográficas

ALBANUS, Livia Luciana Ferreira. **Ecopedagogia: educação e meio ambiente**. Obra organizada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Curitiba. 2008.

AURÉLIO, Dicionário. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com>

AZEVEDO, Maria Jorge; ALCOFORADO, Luís. O *outdoor learning* como proposta de diversificação de espaços educativos para pessoas adultas: reflexões a partir de uma experiência portuguesa em tempos de pandemia. **Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente**, v. 16, n. 2, jul-dez, p. 144-161, 2023.

CECCON, Sheila. Educação ambiental crítica e a prática de projetos. 2012.

GADOTTI, Moacir. Educar para viver com a Terra. 2016.

MONTERO, Maritza. **Hacer para transformar**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

PRIMAVESI, Ana. Cartilha da terra. **São Paulo: Expressão Popular**, 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

YLLAS, Yayenca; TOZATO, Heloisa; VENDRAMINI, Ana Lucia; FIRMO, Heloisa. Contribution of ecopedagogical practices to student psychosocial development after the covid-19 pandemic. In: 10TH German-Brazilian Symposium for Sustainable Development, 2022.

YLLAS, Yayenca; TOZATO, Heloisa; VENDRAMINI, Ana Lucia; FIRMO, Heloisa. **Contribuição do Planejamento Dialógico na Construção de Escolas Democráticas Rumo à Cidadania Planetária**. **SciELO Preprints**, 2023a. Disponível em: <https://tinyurl.com/yllas2023a> . Acesso em: 4 jun. 2023.

YLLAS, Yayenca; TOZATO, Heloisa; GOMES, Gabriela; VENDRAMINI, Ana Lucia; FIRMO, Heloisa. Trampas cromáticas en el huerto escolar: ecopedagogía, agroecología y educación ambiental crítica. **Bio-grafia**, [S. l.], 2023b. Disponível em: <https://tinyurl.com/trampascromaticas> . Acesso em: 4 jun. 2023.